

Guerra em casa, guerra no mundo

Via [LeftEast](#)

Aldeões da província turca de Konya assassinaram uma família inteira de agricultores curdos na sexta-feira, 30 de julho. Foi um massacre premeditado que se anunciou muito antes do tempo a qualquer pessoa disposta a se dar conta. Vizinhos da aldeia agrícola de Hasanköy, no centro da Anatólia, tinham agredido a família Dedeoğulları de sete pessoas duas vezes antes, a primeira vez em uma quadrilha de sessenta. Em ambas as ocasiões, a polícia e os promotores deixaram os líderes da gangue ir após uma breve detenção. Que o assassinato tinha uma motivação racial indiscutível: durante o primeiro assalto, a multidão gritou: “não abrigaremos curdos” (Kürtleri barındırmayacağız)! e exigiu que a família vendesse sua parcela, a única parcela de propriedade curda na aldeia. No entanto, o Ministro do Interior Süleyman Soylu sustenta que as tensões turco-curdas nada tiveram a ver com a matança, atribuindo-a em vez disso a uma rixa que remonta a onze anos atrás.

O assassinato coroou um verão de escalada do racismo na Turquia, que não se limitou aos partidários do Partido da Justiça e do Desenvolvimento (AKP) no poder. Vergonhosamente, os membros da principal oposição também contribuíram. Sem fingir que qualquer análise ideológica pode explicar completamente o que faz um massacre de aldeia a seus vizinhos, vamos dar uma olhada nos antecedentes políticos deste crime excepcionalmente horrível.

Todos sabem que o assassinato de uma família curda não acontece de forma isolada. Infelizmente, este não é o único assassinato deste tipo a ocorrer neste verão. Em junho, um homem entrou na sede de İzmir do Partido Democrático do Povo

Curdo (HDP) com um fuzil de assalto e matou uma jovem mulher que trabalhava lá. Vários trabalhadores curdos têm sido mortos nos últimos meses em aparentes crimes de ódio. Quando as associações de advogados de quinze das 81 províncias da Turquia publicaram uma carta aberta condenando os assassinatos, um jornal pró-AKP respondeu com uma manchete de primeira página difamando as organizações profissionais de advogados como uma fachada para o Partido dos Trabalhadores Curdos (PKK). Tais manchetes representam um incitamento mais ou menos direto a mais violência contra o povo curdo na Turquia. Quarenta e oito associações de advogados da província condenaram a difamação e expressaram solidariedade com seus colegas.

Não fosse a maior conflagração ocorrida na vizinha Síria – onde as tropas de Assad ficaram conhecidas por cantar que mais cedo “queimariam” seu “país” do que o deixariam perder o poder – não pareceria demais dizer que a Turquia está agora queimando, literalmente, bem como figurativamente. Como em muitas outras partes do hemisfério norte neste verão, os incêndios florestais têm estado fora de controle durante as últimas semanas em várias partes do país. Especialmente devastadas têm sido as florestas de pinheiros nas regiões montanhosas que circundam a maior parte da costa do Egeu e do Mediterrâneo da Turquia. Há muitos rumores sobre quem os iniciou: talvez veranistas descuidados iluminando um dos muitos fornos portáteis onipresentes nos acampamentos turcos, ou empreiteiros ansiosos para limpar as florestas protegidas na esperança de que o estado os abra para a construção com fins lucrativos. Vale notar que em uma floresta próxima à popular cidade de férias de Bodrum, um hotel evacuado devido aos incêndios foi mais tarde descoberto como tendo sido construído em um terreno que primeiro se tornou disponível para a capital quando um incêndio anterior destruiu uma floresta protegida!

No entanto, estes não são os rumores mais incendiários no

exterior. A mídia pró-governamental relata que o PKK acendeu os fogos. Primeiro, a imprensa noticiou que um suspeito do PKK foi pego ateando um incêndio em uma base militar na província de Ankara, depois, histórias posteriores acrescentaram muitos outros incêndios aos quais um grupo chamado “Crianças do Fogo” (Ateşin Çocukları) assumiu a responsabilidade, através da Internet, alegando servir à causa do PKK. O grupo em questão nunca havia sido ouvido antes, e escritores opositores questionaram a falta de provas concretas e a autenticidade da confissão on-line, que usa dicção não característica dos grupos PKK.

Agora é difícil lembrar que o partido no poder uma vez prometeu “resolver” o que é chamado “o problema curdo” (Kürt sorunu) por meios diplomáticos, enfurecendo os nacionalistas turcos que agora fazem parte de sua coalizão de governo. Muita água correu sob a ponte desde que o “processo de paz” (barış süreci) entrou em colapso em 2015. O colapso ocorreu logo após os anos de negociações que tiveram o efeito colateral não intencional de ajudar a ala pacífica do movimento nacional curdo, o Partido da Paz e Democracia (HDP) para reunir tantos votos nas eleições parlamentares de 2015 a ponto de negar ao AKP sua maioria parlamentar. Correndo em uma plataforma social-democrática e pós-nacionalista que atraiu votos tanto de turcos de esquerda como de curdos, o HDP tornou-se subitamente uma ameaça que teve que ser enfrentada. Logo em seguida, aqueles do movimento curdo que pretendiam uma solução violenta e aqueles do Estado que queriam a mesma convivência -antagonisticamente, é claro – retomar a luta.

Desde então, o HDP tem lutado por sua vida, seus líderes presos e/ou removidos por decreto de seus cargos no parlamento e no governo municipal, distritos inteiros roubados de seus líderes eleitos e entregues aos funcionários do AKP escolhidos a dedo por um presidente que agora governa em grande parte por decreto. O golpe militar fracassado de julho de 2016 deu ao AKP o que o próprio Erdoğan descreveu como um “presente de

Deus” (Allah’ın lütfu), uma chance de transformar a república no que cada vez mais se assemelha a uma ditadura, sem um verdadeiro controle do poder policial, um chefe de imprensa nomeado que censura os meios de comunicação e tanques montados na entrada das grandes cidades para verificar os documentos dos motoristas. Escusado será dizer que no centro deste sistema está “a luta contra o terrorismo” (terör ile mücadele), uma causa nacional na qual todos os inimigos oficiais, de Abdullah Öcalan a Fethullah Gülen e nefastos “agentes externos” (dış mihrakları) são enrolados em um só. Lutar contra esta hidra de muitas cabeças é o dever de todos que são “locais e nacionais” (yerli ve milli).

É claro que é útil ter uma tal hidra – algumas de cujas cabeças realmente existimos – quando você está concomitantemente atormentado por tantas catástrofes. Estas incluem catástrofes da natureza – não apenas incêndios florestais, mas também inundações mortais no úmido nordeste do país – catástrofes da segunda natureza social – uma crise econômica – e catástrofes da sociedade que tenta se proteger da natureza – a pandemia da Covid-19. É claro que a fronteira entre natureza e cultura é porosa, e quando se pensa através do contexto, percebe-se que todas estas crises estão ligadas. No entanto, as conexões transcendem o nível nacional e são difíceis de serem conhecidas por uma consciência nacional – e a consciência na Turquia é muito nacional. Para esclarecer este ponto, devemos considerar uma outra crise, talvez a mais visível para muitos turcos.

Em busca de refúgio no racismo

Estou me referindo à crise relativa aos refugiados. Alguns a chamam de “crise dos refugiados” e outros, de “crise do racismo”. Em nenhum lugar ela é mais aguda do que no Oriente Médio. Como todos sabem, a Turquia é o ponto terminal no continuum do Oriente Médio, onde as coisas mal começam a ser “europeias” ou “ocidentais”. Infelizmente, este clichê tem sérias consequências no mundo material, social. As pessoas que

vivem na “ponte entre o Oriente e o Ocidente” estão predispostas a sentimentos fortes em relação a grupos de milhões que ficam presos nessa ponte, por acordo entre o governo turco e a União Europeia (UE).

A Turquia é um país de cerca de oitenta milhões de pessoas, recebendo agora pouco menos de quatro milhões de refugiados sírios. Isso é várias vezes maior do que o número de pessoas cuja súbita entrada na Alemanha em 2015 ocasionou uma forte reação nativista, dando à União Democrata Cristã de centro-direita de Angela Merkel (CDU) um sério desafio da direita. Um país com aproximadamente a mesma população da Alemanha, mas com uma economia muito menor, a Turquia é responsável por muito mais refugiados – o número oficial é, pela maioria das contas, uma estimativa muito conservadora. Examinado um quadro comparativo europeu, o mais surpreendente sobre o racismo anti-refugiados na Turquia é que não tem havido mais. Mas ele está lá, e muito perturbador, e se torna mais com o tempo. Neste verão, atingiu o que se deve esperar que seja um clímax.

No verão pré-Covid de 2019, a última vez que estive fora e na medida em que pude fazer um esforço para avaliar o humor do público, ouvi sentimentos anti-sírios vindos de todas as direções: pessoas educadas da classe média, uma senhora idosa no hijab com um saco de cebolas colhidas a mão ao seu lado em um trem, homens trabalhando em uma oficina de reparos de automóveis, todos me dizendo o quanto os “sírios” estavam causando problemas e como o estado precisava enviá-los de volta. Este tópico surgiu da conversa mais casual, não através dos meus esforços.

Em 2016, argumentei que o plano da UE de pagar o governo de Erdoğan para abrigar refugiados inflamou o aparente “choque de civilizações” entre “o Ocidente” e “o Islã”, fortalecendo os guerreiros da cultura reacionária de ambos os lados da divisão. Ao formalizar o papel da Turquia como guardiã da Europa – o depoimento de migrantes muçulmanos indesejados – a UE reconheceu implicitamente o Erdoğan como porta-voz e

protetor do interior islâmico da Europa, dando imprimatur geopolítico a uma separação espacial entre as duas “civilizações”. Um governo que trabalha para redefinir a identidade nacional e reestruturar a vida social em termos religiosos ganha vantagem sobre a Europa por causa da determinação desta última em manter os muçulmanos de fora.

Vejo agora que esta tese subestimou o caso, subestimando o potencial do acordo para fomentar guerras culturais na Turquia. Neste verão, ressentimentos de longa data se transformaram em uma reação nativista na qual as piores características da oposição dominante se tornam cada vez mais visíveis. Muitos nacionalistas seculares estão irritados com o Ocidente por fazer a Turquia acolher tantos refugiados orientais, irritados com o governo por fazer o trabalho do Ocidente, e irritados com os próprios refugiados por coisas que os nativistas sempre alegam: aceitar empregos, tornar os espaços públicos lotados e sujos, ter muitos filhos, divertir-se com os centavos do contribuinte nativo, etc.

Como cuidar dos negócios de alguém

Estas alegações são familiares devido ao ressentimento nativista na Europa e na América do Norte, mas também existem fatores específicos locais. Embora o ressentimento anti-migrante tenha quase sempre uma forte dimensão econômica, na maioria dos lugares há pelo menos um pouco mais de clareza sobre o papel econômico que os recém-chegados estão realmente desempenhando. Dificilmente se pode sair na Turquia hoje em dia sem ouvir rumores infundados sobre esta questão, como quando um homem em uma oficina de reparos de automóveis em Ancara me disse que toda a vizinhança funcionava (não oficialmente) com mão-de-obra síria. Uma citação que fez a ligação com Hikmet Tanrıverdi, presidente da associação de exportadores têxteis da Turquia, que disse que “os sírios nos salvaram, a indústria têxtil da região do Mar de Mármara, da crise econômica”. Tanrıverdi especificou que “dois milhões” de sírios tomaram o lugar de 500.000 trabalhadores de Bangladesh

que ele esperava importar.

Como tanto o verdadeiro número de sírios na Turquia quanto sua taxa de emprego é nebulosa, sua presença é objeto de todo tipo de temores e reivindicações, sobretudo no que diz respeito à política externa – a verdadeira casa das teorias da conspiração. Os turcos vêem seus próprios soldados entrando em zonas de guerra sírias enquanto refugiados sírios deixam seu país para trás. Em um país com um exército conscrito e provérbios como “todo turco nasce soldado” (seu Türk asker doğar), os turcos são aculturados a pensar que, em tempo de guerra, os cidadãos devem sua vida a seu país. Ouvi tanta gente criticar os sírios por fugirem em vez de lutarem em sua guerra civil! Quando em raras ocasiões pedi mais esclarecimentos, o orador pareceu não ter pensado muito a qual exército os sírios deveriam estar servindo. O que importava era que, na guerra, se lutava. Em vez disso, os turcos vêem seus próprios soldados lutando, o que não parece certo.

Agora o presidente Recep Tayyip Erdoğan prometeu manter tropas turcas no Afeganistão para guardar o aeroporto após a retirada dos EUA. A Turquia deve manter a ordem depois que o exército mais forte do mundo desistir. Ao mesmo tempo, os afegãos estão indo para a Turquia. A mídia turca está inundada de imagens de dezenas ou talvez centenas de milhares de afegãos, na maioria homens jovens, caminhando através do Irã para fugir de quatro décadas de guerra e da iminente tomada do Talibã. Mais uma vez, muitas pessoas pensam, não deveriam estar lutando por seu país em vez de depender de nossos soldados? Vamos mantê-los aqui, e os afegãos também podem ficar em casa, pensam eles.

Este pensamento não é razoável, mas há uma razão por trás disso, ou, para ser mais preciso, uma doutrina. Uma das frases que adorna estátuas de Mustafa Kemal Atatürk em toda a República é “Paz em Casa, Paz no Mundo” (Yurtta Sulh, Cihanda Sulh), o que significa grosso modo: “mantemos a paz em nosso próprio país e deixamos os outros países em paz”. Aconselhamos você a fazer o mesmo”. Esta fórmula se adequava às

necessidades do início do governo kemalista que lidou duramente com as rebeliões curdas e anti-republicanas enquanto permanecia fora da Segunda Guerra Mundial e de outros envolvimento internacionais. O que as pessoas aculturavam na tradição “defesa nacional” kemalista (Kuvayi Milliye) vêem nas maquinações de Erdoğan é uma troca de soldados turcos por refugiados. Os turcos vão para o leste para mexer com os negócios de outras pessoas, sobrecarregando a Turquia com estrangeiros em casa. A intervenção estrangeira, seja para a OTAN ou para o que quer que o AKP estivesse tentando fazer na Síria, parece ir de mãos dadas com a vinda de estrangeiros para a Turquia.

Além disso, a “paz em casa” (prerrogativa do Estado para acabar com a rebelião) e a “paz no exterior” também parecem ligadas de outra forma: a desunião em casa tende a ser atribuída aos estrangeiros. Quaisquer que sejam os desastres que o estado e o exército dos EUA provocam entre os vizinhos orientais da Turquia, o antiamericanismo na Turquia assume esmagadoramente a forma de suposições de que os EUA estão por trás do PKK. A Europa também está sob suspeita, e até mesmo muitos esquerdistas declarados acreditam que a repressão da guerrilha interna é um ato anti-imperialista.

Populismo nacional

Contra este contexto ideológico, o Partido Republicano do Povo (CHP) fundado por Atatürk tem um ato de equilíbrio a realizar se quiser manter o legado kemalista, mostrando alguma solidariedade com as vítimas dos movimentos mais flagrantemente ditatoriais do AKP. Afinal de contas, muitos desses movimentos têm visado pessoas envolvidas na política pró-curda. As rachaduras dentro do partido têm sido visíveis há algum tempo, com uma facção priorizando um discurso de direitos humanos em desacordo com os velhos nacionalistas da linha dura. Os novos porta-estandartes do partido, os prefeitos que assumiram Istambul e Ancara nas eleições revolucionárias de 2019, têm se esforçado para não queimar

pontes com partidários do HDP ou nacionalistas anti-Erdoğan.

Enquanto isso, o AKP tem sua própria questão de nacionalismo. Quando o processo de paz terminou, o governo procurou novos aliados da direita ultra-nacionalista. O Partido Movimento Nacional (MHP), um partido quase fascista que ganhou suas posições matando esquerdistas nas ruas no período que antecedeu o golpe militar de 1980, tornou-se um parceiro-chave, seu atual líder Devlet Bahçeli fazendo seu melhor como fazedor de reis. Após a tentativa de golpe de 2016 desacreditar permanentemente o movimento Gülen como aliados do governo, o AKP cortejou alguns de seus rivais nacionalistas, abraçando seletivamente imagens e citações de Atatürk que antes pareciam desajustadas em seu movimento.

Quando Bahçeli se tornou um lealista de Erdoğan, seu partido se dividiu em dois. A ala principalmente costeira e relativamente secular do partido juntou-se ao antigo Ministro do Interior Meral Akşener no novo “Partido Bom” (İyi Parti) cujo nome em maiúsculas (İYİ) parece ser o emblema do século XI de um povo turco nômade que entrou na Anatólia junto com os Seljuks. Enquanto a facção mais conservadora de Bahçeli se uniu ao bloco AKP, a senhora de ferro Akşener trouxe seu grupo para uma coalizão com a CHP. Alguns comentaristas pensam que o papel central desempenhado por cada metade do antigo MHP puxou os dois blocos na direção nacionalista.

Em todo caso, o surgimento de mais uma onda de refugiados fez com que a balança se inclinasse ainda mais para o nacionalismo. O presidente da CHP, Kemal Kılıçdaroğlu, deu um primeiro passo astuto com um tweet prometendo à Europa “duras negociações” sobre a distribuição de refugiados quando o CHP chegar ao poder (o que acontecerá a qualquer momento...). Lembrando aos parceiros estrangeiros que, ao contrário do Erdoğan, Kılıçdaroğlu “vem da tradição Kuvayi Milliye” e não fará apenas a vontade do Ocidente, o líder da oposição se recusou a transformar seu país em uma “prisão ao ar livre para refugiados”. Apesar do vocabulário humanitário, os apoiadores

rapidamente leram o tweet como uma promessa de expulsar imediatamente todos os sírios. Quando uma acadêmica turca destacada em Berlim lembrou Kılıçdaroğlu que a Convenção de Genebra concede aos refugiados direitos que ele teria que respeitar, ela recebeu uma onda de cartas de ódio, ameaças e notas de tendência zombando ou condenando-a por receber financiamento da UE em seu atual posto: claramente, esta é alguém no bolso do inimigo. Da mesma forma, o editor da plataforma de notícias Medyascope caiu sob suspeita por receber financiamento de uma ONG sediada nos EUA enquanto publicava histórias simpáticas aos refugiados. Este financiamento chamou a atenção da diretora de comunicações estadual (ou seja, censora-chefe) Fahrettin Altun, que prometeu investigar, e esperava proibir, o financiamento estrangeiro de jornalistas. Este enrugamento questiona a noção de que o governo de Erdoğan é tão fanaticamente pró-refugiado quanto afirmam os nacionalistas opositoristas, mas estes últimos parecem não ter notado esse fato.

A onda se acentuou (espera-se) quando Tanju Özcan, o prefeito de Bolu, uma pequena capital provincial a cerca de meio caminho entre Ancara e İstanbul, prometeu uma nova estratégia para livrar sua cidade de sírios: cobrar de todas as famílias de cidadãos não turcos dez vezes o preço normal da água corrente. Ele acrescentou ominosamente: “Não vou recuar, não, vou fazer mais”. Instantaneamente, o popular site social wiki Sour Dictionary (Ekşi Sözlük) trazia páginas de comentários sob o título: “Tanju Özcan é meu candidato a presidente”. Os prefeitos da CHP de İstanbul, Ancara, e İzmir, as três maiores cidades da Turquia, rapidamente criticaram Özcan. Tunç Soyer, de İzmir, disse muito claramente que os locais devem aprender a conviver com os refugiados entre eles, embora mais tarde ele tenha distinguido seu dever como prefeito de prover a todos os residentes da cidade, inclusive os refugiados, das políticas de “fronteira aberta” do governo nacional. O prefeito de Istambul Ekrem İmamoğlu declarou que seu município cooperou escrupulosamente com as agências das Nações Unidas para prover

os refugiados na cidade, embora ele estimasse que havia pelo menos três vezes mais pessoas entre elas do que o meio milhão registrado junto ao governo. Embora condenando o plano de Özcan de privar as pessoas das necessidades de sobrevivência, ele também identificou a presença dos refugiados como uma potencial “plataforma para a mudança demográfica” que deveria ser “discutida abertamente”.

Condenando as medidas de Özcan em nome do partido, a liderança da CHP prometeu “investigá-lo”, enquanto prometia “enviar nossos convidados sírios para casa” uma vez que pudessem ir para casa “em segurança”, “sem sujeitá-los a qualquer discriminação nesse meio tempo”. A palavra “convidado” enquadra toda a discussão sobre refugiados na Turquia. É também a palavra de escolha de Erdoğan. Enquanto “refugiado” é uma categoria na lei de direitos humanos, a relação de hóspede e anfitrião é vinculada apenas pelo costume. A relação de hóspede (Misafirperverliği) é um grande tema na Turquia, em uma tradição mediterrânea que remonta pelo menos até os antigos gregos. Qualquer estrangeiro que tenha passado algum tempo na Turquia sabe que os turcos identificam sua hospitalidade como um traço nacional. No entanto, a hospitalidade é uma relação hierárquica. O desejo de se superar no serviço a um hóspede é um pouco como o potlatch: quanto mais você dá, maior você é. No final das contas, há uma coisa como o excesso de hospitalidade. A relutância da CHP em se separar desta palavra mostra os limites de seu humanitarismo, o que afinal não é a mesma coisa que “hospitalidade”.

Ameaças reais e explicações falsas

O que, então, os apoiadores tradicionais da CHP têm contra os refugiados, além das queixas que parecem surgir onde quer que as pessoas socializadas sob o capital recebam “convidados” não convidados? Para responder a essa pergunta, precisamos rever o que eles têm contra um governo que eles percebem como patronos dos migrantes. O mais preocupante sobre o nativismo da CHP é

sua suspeita de que os refugiados não são receptores de boa vontade, mas sim parte de um grande plano nascido pelo governo turco às custas da oposição. E parte do que torna esta suspeita tão preocupante é que, em certo sentido, ela é verdadeira.

Difícilmente é preciso afirmar neste ponto que Erdoğan encontrou nos refugiados uma arma diplomática a ser usada contra a Europa. A UE tem algum capital simbólico investido para aparecer como defensora dos direitos humanos. A Corte Europeia de Direitos Humanos (CEDH), da qual a Turquia é signatária, decide repetidamente contra a Turquia e o governo zomba de que a decisão “não é vinculativa para nós”. No entanto, aproveitando a determinação da Europa de manter os refugiados de fora, Erdoğan consegue se fazer passar por um grande estadista e parceiro. As críticas necessariamente desvanecem-se. No mesmo dia em que (os poucos) jornais de oposição na Turquia noticiaram Angela Merkel elogiando a Turquia por seu tratamento da crise migratória, os mesmos jornais estavam discutindo uma lista de sucesso divulgada por fontes da polícia alemã, com os nomes de jornalistas e políticos de oposição da Turquia que agora residem na Alemanha. O jornalista esquerdista Erk Acarer já sobreviveu a um ataque que pode ter sido uma tentativa de assassinato. O que o acordo de refugiados significa para pessoas como ele na Turquia e no exterior?

Infelizmente, o reconhecimento da manobra cínica do Estado rapidamente se transforma em teorias conspiratórias que se assemelham àquelas que ouvimos em outros lugares, mas que as condições locais tornam superficialmente plausíveis. A ideia é que o governo do Erdoğan está importando deliberadamente pessoas de seu próprio tipo cultural a fim de mudar o tecido social do país. Esta foi durante muito tempo a suspeita daqueles que afirmavam ver os sírios votando nas eleições turcas – um rumor que se provou falso.

Em todos os países para onde os refugiados do Oriente Médio se

dirigiram, as pessoas temiam incluir fundamentalistas violentos ou pelo menos homens que dificultam as coisas para as mulheres nos espaços públicos. Todos nos lembramos dos ataques do grupo às mulheres em Colônia em 2015, o que supostamente aconteceria de novo e de novo quando os refugiados chegassem. Não foi assim, mas isso não impediu que o pânico se repetisse. No entanto, estes medos, por mais perigosos que sejam em qualquer lugar, têm uma valência um pouco diferente na Turquia. Vale a pena desvendar a diferença, não para defender um nativismo indefensável, mas para mostrar o que o torna difícil de enfrentar.

O conservadorismo patriarcal que muitos turcos, como os europeus, atribuem estereotipicamente aos migrantes do Oriente Médio, está em ascensão na própria Turquia. O repúdio da Convenção de Istambul, em Erdoğan, tem encorajado ainda mais aqueles que esperam regimentar a vida cotidiana de acordo com uma compreensão conservadora da religião. Neste verão, as escolas médicas públicas anunciaram que as cláusulas anti-discriminatórias do juramento hipocrático não se aplicam a pacientes LGBT, porque isso violaria “nossos valores islâmicos”, e a equipe de vôlei olímpica feminina ficou sob fogo por jogar um jogo considerado inadequado às “filhas do Islã”. Infelizmente, a resistência diária a tais atitudes é muitas vezes envolvida em um discurso que identifica pessoas com geografias e estas últimas com traços e valores invariantes. Assim, um vídeo de uma criança em uma praça de Istambul, contando sobre dois homens mais velhos que estavam ordenando que ele não comesse sorvete durante o Ramadan, fez com que a frase “voltar para a Arábia!” se torna-se viral.

Este discurso essencialmente racista explica como os refugiados afegãos podem se tornar bodes expiatórios pelo que alguns turcos não gostam em sua própria sociedade. Como sempre, a retórica do governo ajuda a reforçar este hábito feio de sua principal oposição. A estranha tentativa do Erdoğan de estender um ramo de oliveira ao suposto inimigo,

declarando que a Turquia não tem nenhum desacordo com o Talibã “em matéria de religião” é suficiente para ocasionar gritos de “O Talibã está chegando”, uma típica confissão de refugiados com forças que muitos deles estão fugindo.

O inimigo principal não está apenas em casa

Poucos na Turquia sabem muito sobre o que tem acontecido na Síria ou no Afeganistão. Na Síria, os próprios problemas da Turquia são uma lente de distorção. Quanto mais Erdoğan condenava Assad, mais turcos e curdos opositoristas se inclinavam na direção oposta, especialmente quando surgiram relatos de carregamentos de armas turcas para grupos jihadistas (pelos quais os jornalistas foram aprisionados ou forçados ao exílio). Em 2015, os curdos presos nas cidades sitiadas de Cizre e Nusaybin viram fundamentalistas de língua árabe entre as forças especiais turcas e, mesmo agora, os parlamentares do HDP enfrentam penas de prisão por encorajar o protesto curdo contra a tentativa do Estado de impedir que o apoio chegasse a Kobani quando este estava sob ataque do ISIS. Na mais recente incursão turca em Afrin, no norte da Síria, para a qual o Diretório de Assuntos Religiosos da Turquia declarou guerra santa, os jihadistas árabes ajudaram as tropas turcas e mataram civis curdos quando os combates terminaram. Enquanto isso, os ataques do ISIS na própria Turquia haviam deixado 460 mortos e 2.000 feridos até 2017 (Erk Acarer, *IŞİD ve Türkiye*, İstanbul: Ayrıntı, 2017, 47). Vários desses ataques visavam ativistas curdos e anti-AKP.

Enquanto o envolvimento visível do AKP com grupos jihadistas se encaixa nas reivindicações de Assad de que a rebelião síria era tudo sobre eles, a longa história de pogroms e discriminação contra as comunidades Alevi turcas os condiciona e seus aliados a pensar nos Alauítas sírios (também chamados de Alevi em turco) como sendo os mais desfavorecidos. Esta história é um tópico especialmente carregado sob um presidente que chamou a casa de culto Alevi (cem evi) de “casa de orgia” (cümbüş evi), presidiu o assassinato policial de oito

manifestantes do Parque Alevi Gezi, e deixou expirar o estatuto de limitações para os perpetradores de um massacre de trinta e cinco pessoas em 1993 em uma reunião de alauítas de esquerda. Erdoğan zombou de Kemal Kılıçdaroğlu por sua própria identidade Alevi, incitando multidões a vaiá-lo por causa disso e associando-o a Assad. Embora Kılıçdaroğlu tenha condenado o “uso desproporcional da força” de Assad logo no início, sua alegação de 2012 de que Assad e Erdoğan tiveram a mesma culpa pela crise síria foi, por si só, extremamente desproporcional, e este tipo de declaração deu o tom para a maioria das discussões seculares e esquerdistas sobre a Síria. Tem havido pouca cobertura na mídia turca opositora das medidas tomadas por Assad para impedir o retorno dos refugiados, muitos dos quais enfrentam o desabrigo, a prisão ou a morte em casa.

O que muitos apoiadores da CHP e do HDP sabem ou pensam que sabem sobre a Síria é como ela se relaciona com eles. Eles sabem que seu presidente trabalhou com grupos jihadistas lá, contra um governo nominalmente secular e anti-imperialista liderado por um “Alevi”. (Que Assad não é laico nem anti-imperialista é outra história). Quando os sírios aparecem na Turquia, muitos pensam que eles devem ser co-conspiradores do Erdoğan. No leste da Turquia, o governo optou, por vezes, por agrupar predominantemente refugiados sunitas em lugares que tinham uma maioria Alevi ou Curda sem eles, assim como Erdoğan planeja reassentar refugiados árabes nas regiões curdas sob ocupação na Síria. Nestes contextos locais, embora não na Turquia como um todo, as suspeitas de que o governo está usando refugiados para a engenharia demográfica começam a parecer não tão infundadas.

A Turquia tem múltiplas minorias cujos interesses imediatos e narrativas não coincidem. Um governo que opera da maneira mais opaca, sem senso de responsabilidade para com nenhum desses grupos, ao mesmo tempo em que alista continuamente novos nomes em sua lista de inimigos públicos e chama todos os seus

opositores políticos de terroristas, não pode ser confiável para administrar o reassentamento em massa sem suscitar ressentimentos. Nesta atmosfera, a teorização da conspiração torna-se um mecanismo de enfrentamento, embora exacerbe a doença da qual é um sintoma. Não pode haver dúvidas de que um discurso público que legitima o ressentimento dos árabes também incentiva a violência contra os curdos e vice-versa, mas o clima de desconfiança universal também é passível de aumentar a hostilidade entre estes dois grupos. As pessoas da província de Mardin, onde são as duas etnias predominantes, me dizem que tal tensão é antiga.

Qual é a história deles?

No entanto, seria tolice localizar o sentimento anti-migrante somente ou principalmente em grupos que experimentam tais antagonismos diretamente. Em um nível mais geral, fantasias fóbicas retratam os refugiados como jihadistas, homens predadores que colocam as mulheres em perigo, e trabalhadores informais que reduzem o salário da classe trabalhadora. A difícil verdade é que todos os três grupos se caracterizam nas estratégias de governo do AKP, quer se sobreponham ou não aos refugiados. Este é um governo que trabalha com jihadistas, recompensa os homens que dominam, ameaçam e até matam as mulheres, e preside uma economia cada vez mais letal para os trabalhadores. Os migrantes árabes e afegãos apresentam um substituto para estes crimes do Estado não apenas por várias razões circunstanciais, mas também por uma grande e simbólica: estas são pessoas do leste.

Um senso de superioridade sobre os povos do oriente se caracteriza em cada versão do nacionalismo turco. No Império Otomano, o AKP parece tão inclinado a reviver que seu grupo juvenil mais militante é chamado de Corações Otomanos (Osmanlı ocakları), os turcos governavam e os árabes eram supostamente gratos. Deste ponto de vista, a revolta árabe durante a Primeira Guerra Mundial aparece como uma traição que não poderia ter acontecido sem a interferência britânica. Enquanto

os otomanos dominavam o Oriente Médio, a república kemalista trabalhou para separar a Turquia dele. Um dia antes de Özcan anunciar seu plano de expulsar os refugiados, o porta-voz da CHP, Faik Öztrak, fez um discurso que lança luz sobre o atual pensamento kemalista. Rebelando a afirmação transparentemente culturalista do chanceler austríaco Sebastian Kurz de que a Turquia é o lugar certo para os refugiados afegãos, Öztrak disse a ele e a Merkel: “A Turquia não é nem será o gueto migrante da Europa... Que tal darmos à Alemanha de 3 a 5 bilhões de dólares, e eles podem cuidar desses refugiados sírios e afegãos? O lugar para onde os refugiados querem ir não é a Turquia de qualquer forma, mas a Alemanha”.

Öztrak começou suas propostas onde tudo começa na Turquia: a guerra de libertação de 1919-22 (Kurtuluş Savaşı) sob a liderança de Mustafa Kemal. Se a Turquia é agora um membro honrado da comunidade das nações, disse ele, é devido ao movimento de independência e ao projeto nacional que solidificou seus ganhos. Enquanto os tradicionalistas lamentavam a derrota grega porque ela levou a república secular a colocar um fim à monarquia e ao califado, ele afirmou, o CHP continuou o trabalho de construção da nação ao qual os turcos devem o fato de que o chamado à oração ainda ressoa dos minaretes. Esta afirmação de ter salvo o Islã é importante não apenas como um abraço das tradições nacionais, mas também para sublinhar a hipocrisia dos tradicionalistas que o povo da CHP chama de “mercadores da religião” (din tüccarları), não de pessoas de fé genuínas.

A partir da época de Atatürk, o Estado turco se apresentou como uma potência emergente em busca de seu legítimo lugar entre as nações. Para os quadros do capitalismo estatal de Atatürk, isso significava uma adoção formal de costumes e instituições ocidentais que obrigariam a Europa a respeitar a Turquia como um país igual e não dominá-la como uma colônia. Como observa Dağhan Irak, a determinação de assemelhar-se aos conquistadores de outrora para ser poupado à conquista,

estabelece complexos sérios. Tendo observado animosidade anti-refugiados entre a juventude secular instruída e superqualificada, Irak suspeita que ela deriva da maneira como a Europa apertou suas próprias fronteiras orientais justamente quando insiste que a Turquia absorva a migração em massa vinda do leste. À deriva em uma economia estagnada dominada pelos amigos de Erdoğan, esses jovens vêem o Ocidente rejeitá-los enquanto aparentemente colaboram com seu governo para imergir ainda mais o país em uma cultura do Oriente Médio da qual eles se sentem alienados. O racismo casual é a resposta deles.

Öztrak afirma que os trabalhadores migrantes do Oriente Médio, que podem ou não estar nos livros, se tornaram cruciais porque a economia gerida pelo AKP tem espaço apenas para mão-de-obra não qualificada, não para a mão-de-obra intelectual da juventude instruída da Turquia. Enquanto o CHP quer cultivar indústrias de alta tecnologia, Erdoğan, em vez disso, supervisiona uma economia de baixos salários baseada na procura de aluguel e em setores propensos à corrupção, como a construção civil, construída sobre as costas de trabalhadores dispensáveis. Revendo o desempenho declinante de setores-chave na última década, Öztrak conclui que, enquanto a Turquia quer competir com a Europa, “conhecendo e superando” seu padrão de vida, a produção turca chegou agora a um ponto em que só pode competir com a África.

Enquanto o quadro que Öztrak pinta a miserável economia turca tem muita verdade, a ideia de que a Turquia poderia rapidamente escalar cadeias de valor globais se apenas formasse as políticas corretas e jogasse fora o fardo dos refugiados é duvidosa. É claro que retirar o AKP do poder é um pré-requisito para que a Turquia não esteja mais entre os dez piores países do mundo para os trabalhadores, de acordo com a Confederação Sindical Internacional, ou a classificação 133º de 156 em um estudo do Fórum Econômico Mundial sobre igualdade de gênero. Não pode ser ruim substituir um presidente que gasta centenas de milhões de dólares a cada ano construindo

ele mesmo palácios kitsch e destinando porções significativas do orçamento do Estado para " finanças " e " transferências de capital " aos camaradas quando 48% da população da capital está à beira da fome. No entanto, a solução destes problemas não pode ser apenas uma questão de ajustar as dependências externas e, ao mesmo tempo, isolar-se dos vizinhos que estão ainda piores. Tal abordagem equivale a colocar trabalhadores diferentes uns contra os outros, assim como o governo faz.

O discurso do CHP faz soar como Erdoğan, agente de uma burguesia compradora em domínio da falsa religiosidade e do consumo conspícuo, eram simplesmente o peão das potências ocidentais determinadas a explorar a Turquia, mantendo-a no leste. Esta narrativa nacional-desenvolvimentista se baseia na da vitória turca na primeira guerra de libertação nacional bem sucedida travada por um país subdesenvolvido no século XX. Em alguns aspectos, a República da Turquia é o projeto nacionalista mais bem sucedido do Terceiro Mundo. O que ela não conseguiu é articular uma visão de emancipação que transcende o modelo de uma nação auto-idêntica rodeada de inimigos. Tal visão se volta necessariamente contra inimigos internos, como as minorias cuja expulsão da Anatólia acompanhou a dos exércitos europeus ocupantes em 1922.

Conclusão

A hostilidade aos "convidados" não é única para a oposição. Alguns dos piores ataques aos sírios aconteceram em cidades e bairros predominantemente pró-governamentais. No entanto, o racismo na oposição apresenta um problema ideológico mais premente. Na esfera política e nas conversas cotidianas, várias denúncias válidas e interligadas sobre a agenda do AKP, dos direitos das mulheres ao secularismo e à economia política, encontram agora expressão em um discurso centrado na xenofobia. Há um perigo para que este discurso se torne a língua franca do único partido remotamente próximo a desafiar a hegemonia do AKP, e que precisa apresentar a imagem de uma alternativa democrática ao pesadelo Erdoğan. Pode ser inútil

especular sobre um futuro governo liderado pela CHP e se preocupar com a perspectiva de Erdoğan finalmente cair por causa do sentimento anti-imigrante, de todas as coisas. No entanto, a oposição no presente requer um mínimo de senso para o que seria um futuro melhor, mesmo muito aquém da revolução. Se os nacionalistas tradicionais chegassem ao poder com a promessa de uma Turquia para os turcos que rapidamente ultrapassaria a Europa economicamente, eles e o país estariam em busca de uma decepção e de outra rodada de populismo culturalista reacionário. Até lá, os racismos cruzados do país poderiam se tornar ainda mais violentos.

Um Estado secular que defende a igualdade de gênero e os direitos trabalhistas é um bem em si mesmo, não um meio de evitar a colonização pelo Ocidente e a corrosão pelo Oriente. A oposição deveria abraçar os princípios democráticos como princípios universais, não como os ocidentais. Então poderia ser mais capaz de cultivar migrantes como aliados contra a exploração, em vez de dispensá-los como agentes das intrigas reacionárias do governo. Pensar desta forma poderia ser um treinamento para a tarefa de abordar o próprio “lumpenproletariado” do país, particularmente os trabalhadores do “setor informal” que, isolados do movimento sindical e de partes do salário social vinculadas ao emprego formal, têm sido uma importante fonte de votos do AKP. Estas difíceis tarefas enfrentam uma esquerda sujeita a vários graus de repressão legal, mas não completamente privada dos meios de ação, como demonstram pequenas vitórias como a retirada do reitor designado de Erdoğan na Universidade Boğaziçi. Com a credibilidade do governo lentamente se corroendo, agora é o momento para esquerdistas e democratas enfrentarem estes desafios – e para seus camaradas no exterior enfatizarem o quanto as políticas dos EUA e da UE ajudam a exacerbar as linhas de erro nesta parte do mundo.